

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)



EDITORA
ARTEMIS
2024

VOL V

HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas
Teóricas,
Metodológicas
e de
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán
(organizador)

VOL V



EDITORA
ARTEMIS
2024



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
Imagem da Capa	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.^a Dr.^a Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yañez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco, Espanha*
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. V / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-16-1

DOI 10.37572/EdArt_300724161

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

Todos hemos oído la expresión popular “si algo sale bien, hazlo de nuevo”. Y aquí estamos presentando el quinto volumen de “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigaçao”. En esta ocasión, como lo dice uno de nuestros autores, abordamos los diferentes niveles de análisis, micro o individual, meso o local, y macro o global.

En esta obra, en la que incluimos 21 autores, de procedencias diversas, tanto teóricas, como metodológicas, y hasta disciplinarias, agrupamos los trabajos en cuatro apartados. Iniciamos con 7 capítulos bajo el rubro “Interacción, amor y desviación sexual”.

En primer lugar encontramos las creencias sobre el amor romántico, las relaciones tóxicas, la dominación masculina y la violencia de género. Enseguida encontramos el análisis de la infidelidad y su relación, o falta de ella, con el género y la inteligencia sexual. Tercero, podemos ver como esta infidelidad, que aparece en casi la mitad de los encuestados, genera daño emocional y violencia. A continuación se revisan los factores de riesgo de la violencia en parejas, una “preocupante realidad de millones de adolescentes y adultos jóvenes”. También cómo la autoestima, y su interacción con los padres, les permite tomar decisiones sobre el inicio de su vida sexual. Incluimos también como se cuestionan las músicas populares, los discursos textuales y corporalidades que se entrelazan en ciertas composiciones performativas, para deconstruir aspectos sociales de las masculinidades hegemónicas. Finalizando este apartado con una mirada clínica que intenta, como muchas otras miradas, dar una explicación de los conflictos internos, y la pérdida de contacto con la realidad, que llevan a la violencia y la desviación sexual.

En el segundo apartado nombrado “Cómo nos forjó la historia: Esclavitud, Guerra y Justicia”, tenemos 5 trabajos. Ahí podemos encontrar parte de la historia virreinal, analizando el arte religioso como “agentes con presencia, potencia y acción en la interacción social entre culturas”. Siguiendo con un trabajo que usa la hermenéutica jurídica, para evaluar la justicia y la esclavitud en los afrodescendientes. En los últimos tres capítulos de la sección, se busca resignificar el pasado: primero, interpretando la batalla del Ebro en la memoria colectiva; segundo, analizando la politización de una canción, ejemplo de los diálogos en contra de la dictadura militar y, en el último estudio, se aborda una vanguardia artística vinculada al Modernismo en América Latina, que se reflejó en la figura del indio Caraíba, y la llamamos aquí la jungla identitaria.

La sección “Salud y Sociedad” inicia con un trabajo que muestra que los determinantes sociales de la salud juegan un papel crucial en la aparición y evolución de las enfermedades crónicas. Algo necesario para contraponer con los determinantes comportamentales, el estilo de vida sedentario y la mala alimentación. Así la hipertensión, la osteoporosis y otras enfermedades empeoraron “con el desbalance que generó el

Covid”. Sigue un trabajo en la misma línea, que pretende conocer estos determinantes tanto biológicos como psicológicos y hasta sociales, con el fin de poder guiar a los adultos mayores a adaptar y mejorar su estilo de vida. El apartado finaliza con un estudio que considera a los cuidadores de los enfermos, particularmente de Alzheimer, quienes también sufren el cambio en sus rutinas y estilos de vida, para dedicar a sus familiares una labor de 24 horas.

El último apartado “Derecho y Movimientos Sociales”, comprende 6 capítulos sobre problemáticas que se analizan en distintos países, Argentina, Perú, Colombia, México, Ecuador, pero que se presentan en toda América Latina. Inicia con la convicción de que los movimientos sociales están en crisis, pero porque la propia sociedad en su conjunto está en crisis. Los gobiernos neoliberales se alternan, mientras se da un paso atrás, al alinearse al Fondo Monetario Internacional y la OCDE. Sigue el análisis del sindicalismo latinoamericano, que transita bajo la paradoja de que a mayores prestaciones a los trabajadores, menor desarrollo económico. A continuación se analizan las políticas públicas del deporte tanto de aficionados como profesionales, que se dictan entre agudas contradicciones en aspectos sociales, económicos y legislativos. Luego se analiza la política fiscal, con la adopción de las nuevas tecnologías, llegando a la conclusión que debe haber colaboración entre los organismos internacionales, los estados y los particulares, en aspectos de seguridad y privacidad, pero siempre a “favor de la dignidad humana antes que a la tecnología”. Le sigue una propuesta sobre acuerdos bilaterales, que propone también negociaciones equilibradas que logre integraciones económicas para el desarrollo, tanto en cuestiones ambientales como de infraestructura y en contra del cáncer de la corrupción. El apartado finaliza con los derechos legales e internacionales de los refugiados, y lo mejor, propone recomendaciones prácticas para la protección de estos derechos.

Hemos intentado balancear los temas, las aproximaciones y los diferentes puntos de vista sobre la conjunción de las Humanidades y Ciencias Sociales, para el disfrute del lector que busca estar al día en estas apasionantes materias.

Dr. Luis Fernando González Beltrán
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

SUMÁRIO

INTERACCIÓN, AMOR Y DESVIACIÓN SEXUAL

CAPÍTULO 1..... 1

RELACIONES TÓXICAS, DOMINACIÓN Y VIOLENCIA. HISTORIAS DE VIDA EN TORNO A LAS CREENCIAS DEL AMOR ROMÁNTICO

Verónica Prieto Cordero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241611

CAPÍTULO 2..... 12

INFIDELIDAD E INTELIGENCIA SEXUAL

Sinuhé Estrada-Carmona

Gabriela Isabel Pérez-Aranda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241612

CAPÍTULO 3..... 26

LA INFIDELIDAD COMO ACTO DE VIOLENCIA: UN ESTUDIO CUALITATIVO EN MUJERES PERUANAS

Ursula Milagros Chu Amaranto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241613

CAPÍTULO 4..... 34

VIOLENCIA NO NAMORO E RELACIONAMENTO TÓXICO E ABUSIVO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Nádia Catarina Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241614

CAPÍTULO 5..... 40

RELACIÓN PARENTAL Y AUTOESTIMA COMO FACTORES DETERMINANTES DEL INÍCIO DE VIDA SEXUAL EN ADOLESCENTES

Lady Olivia Quispe Arapa

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241615

CAPÍTULO 6..... 58

ESTRUTURAS CLÍNICAS: NEUROSE, PSICOSE, PERVERSÃO

Nádia Catarina Lima

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241616

CAPÍTULO 767

“Y NO ES MACHISMO...”: PERFORMATIVIDADES DE GÉNERO EN LA LISTA DE REPRODUCCIÓN LOS TIGLESS (YOUTUBE, 2017)

Pablo Alejandro Suárez Marrero

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241617

CÓMO NOS FORJÓ LA HISTORIA: ESCLAVITUD, GUERRA Y JUSTICIA

CAPÍTULO 8.....78

AGENCIA DE LA IMAGEN Y ESTRATEGIAS DE EVANGELIZACIÓN ENTRE LA COMPAÑÍA DE JESÚS Y LA ESCLAVONÍA DEL INGENIO DE SAN NICOLÁS DE AYOTLA, OAXACA

Vanessa Georgina Santiago López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241618

CAPÍTULO 9..... 93

LA ADMINISTRACIÓN DE JUSTICIA Y LOS AFRODESCENDIENTES A TRAVÉS DE FUENTES JUDICIALES DEL ARCHIVO DE ASUNCIÓN

Darío López Villagra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_3007241619

CAPÍTULO 10..... 108

COMUNICACIÓN, CONFLICTO Y RESIGNIFICACIÓN DE LOS ESPACIOS DE LA BATALLA DEL EBRO EN CATALUÑA (ESPAÑA)

Jordi Prades-Tena

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416110

CAPÍTULO 11.....117

“COMO DOIS E DOIS SÃO CINCO”: A DITADURA MILITAR EM QUESTÃO

Adalberto Paranhos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416111

CAPÍTULO 12132

A SELVA IDENTITÁRIA: MODERNIZAÇÃO, ANTROPOFAGIA E DIREITO

Eva Cristina Franco Rosa dos Santos

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416112

CAPÍTULO 13..... 144

SOCIAL DETERMINANTS OF HEALTH AND CHRONIC DISEASES POST COVID-19
SALINAS. ECUADOR, 2023

Yanedsy Díaz Amador
Isoled del Valle Herrera Pineda
Carlota Roció Ordoñez Villao
Nohelia Romina Robinson Cedeño
Melanie Zamora Merchán
Brigitte Janeth Catuto Vera
Pamela Katherine Chicaiza Salazar
Francisco Amaury Restrepo Ramírez
Margarita del Roció García Castro
Henry Arnaldo Cruz Tomalá
Ander José Díaz Caiche
Allison Joselyn Orrala Borbor

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416113

CAPÍTULO 14.....156

COMPREHENSIVE GERIATRIC ASSESSMENT IN INSTITUTIONALIZED OLDER
ADULTS

Claudia Marcela Cantú Sánchez
Grever María Avila Sánsores
Gerardo Ruvalcaba Palacios
Ma. Gloria Vega Argote

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416114

CAPÍTULO 15.....179

LUTO EM CUIDADORES FAMILIARES DE PESSOAS COM DEMÊNCIA DE ALZHEIMER

Laura Brito
Ângela Leite
M. Graça Pereira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416115

DERECHO Y MOVIMIENTOS SOCIALES

CAPÍTULO 16195

LA CRISIS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES Y SU CAPACIDAD DE DESMULTIPLICAR LAS CRISIS Y DE CREACIÓN DE UN NUEVO MODELO DE GOBERNANTALIDAD EN AMÉRICA LATINA: EL EJEMPLO DE LA ARGENTINA

Raina Zimmering

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416116

CAPÍTULO 17214

DE LA TEORÍA ESTATUTARIA A LA CONTRACTUALISTA EN LA NEGOCIACIÓN COLECTIVA EN LA ADMINISTRACIÓN PÚBLICA. PRINCIPIO PRESUPUESTAL VS DERECHO FUNDAMENTAL; EL CASO PERUANO

Julio Enrique Haro Carranza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416117

CAPÍTULO 18234

CONTEXTO SOCIAL Y NORMATIVO DE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS DEL DEPORTE EN COLOMBIA

José Ramos Acosta

Ana María Arias Castaño

Néstor Ordoñez Saavedra

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416118

CAPÍTULO 19 247

DESAFÍOS DEL BIG DATA COMO PARTE DE LA TRANSFORMACIÓN DE LA POLÍTICA FISCAL EN MÉXICO

Reyna Araceli Tirado Gálvez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416119


CAPÍTULO 20259

CHILE: LAS PRINCIPALES CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS, ECONÓMICAS, SOCIALES Y TECNOLÓGICAS, Y SUS ACUERDOS BILATERALES REALIZADOS CON EL ECUADOR

César Antonio Bustamante Chong

Mariana Elizabeth Bustamante Chong

 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416120

CAPÍTULO 21.....279
MECHANISM FOR ENSURING THE RIGHTS OF REFUGEES: CHALLENGES AND
PERSPECTIVES
Viktoriiia Sydorenko
 https://doi.org/10.37572/EdArt_30072416121

SOBRE O ORGANIZADOR.....289

ÍNDICE REMISSIVO290

CAPÍTULO 16

LA CRISIS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES Y SU CAPACIDAD DE DESMULTIPLICAR LAS CRISIS Y DE CREACIÓN DE UN NUEVO MODELO DE GOBERNAMENTALIDAD EN AMÉRICA LATINA: EL EJEMPLO DE LA ARGENTINA

Data de submissão: 03/07/2024

Data de aceite: 12/07/2024

Raina Zimmering¹

Historikerin, Politologin, Soziologin
Lateinamerikanistin

Senior Research Fellow am
Institut für Internationale Politik (IIP)
<http://www.welttrends.de/institut/>
<https://orcid.org/0000-0001-9114-0073>

RESUMEN: Aunque la definición de nuevos movimientos sociales en las ciencias sociales de Europa y América fue más funcional que sustantiva, estos movimientos tenían el aura de una innovación positiva de progreso político y social. En comparación con los viejos movimientos sociales, como el movimiento de

trabajadores y campesinos, se los consideraba progresistas y al primero como el superviviente, hubo una verdadera euforia entre los activistas de las nuevas protestas políticas, los científicos sociales y los medios de comunicación. Se creía que los acontecimientos negativos en los movimientos obreros y campesinos y las revoluciones del siglo 20 y en los estados socialistas que surgieron de ellos podrían superarse a través de una nueva categoría – la de los nuevos movimientos sociales. En mi contribución me gustaría analizar la crisis de los nuevos movimientos sociales actuales como parte de una crisis de la sociedad en su conjunto y su cambio para desmultiplicar la crisis social y política a través de nuevos modelos de gobierno de la extrema Derecha usando el ejemplo de la Argentina. Muestro la alternancia entre gobiernos neoliberales y de centro izquierda con sus diferentes enfoques políticos en Argentina, que repetidamente resultaron en emergencias y crisis sociales, cada vez desencadenando movimientos de protesta social contra los gobiernos de turno. Los movimientos fueron repetidamente el lugar de nacimiento de nuevos gobiernos que implementaron contrarrecetas: gobiernos neoliberales que promovieron su propia oligarquía y capital extranjero y llevaron a cabo recortes sociales, por un lado, y enfoques de centro izquierda que promovieron una redistribución social más amplia y al mismo tiempo, por el contrario, una economía capitalista protegida de la tutela extranjera debería estarlo. La cuestión sistémica en

¹ Univ.- Profa. Dra. Raina Zimmering: estudió historia, historia del arte y etnografía, doctorado en política exterior de los países latinoamericanos, habilitación en política de seguridad en Argentina, Brasil y Uruguay. Exprofesora de Mujer en la Universidad Humboldt de Berlín, Profesora Asociada de Planta en la Universidad Nacional de Colombia en Bogotá y Profesora Universitaria y Directora de Departamento de Sociología Política y de Desarrollo en la Universidad Johannes Kepler de Linz en Austria, Senior Research Fellow en el Instituto de Política Internacional en Potsdam, miembro del Consejo Asesor Científico de la revista WeltTrends y miembro del Foro de America Latina de Berlín, del Grupo de America Latina del Partido “La Izquierda de Alemania”, de Memory Studies Association y de International Ferdearation of Public History.

el sentido del anticapitalismo no fue el foco de atención ni de los partidos de centro izquierda ni de los movimientos de protesta social, aunque algunos movimientos sociales plantearon esta cuestión. Este fracaso general condujo a una crisis en el sistema político y a una crisis en los movimientos sociales, que finalmente resultó en el gobierno ultraneoliberal de extrema derecha de Javier Milei. Está en la línea de Trump, Meloni, Le Pen, Bolsonaro, Kast y Bukele. Esta forma de política se caracteriza por un parlamentarismo limitado, recortes sociales extremos y privatización de áreas sociales, represión política, politización y militarización de la política, una especie de política de castas, manipulación masiva, nihilismo ambiental y de género y racismo. En los países latinoamericanos también existe una estrecha cooperación de este tipo de gobierno con los estados occidentales, el capital transnacional y las instituciones financieras y económicas dominadas por Occidente, como el FMI y la OCDE. Incluso en conflictos y guerras internacionales, como en Ucrania y Gaza, estos países siempre apoyan al lado occidental. Estos gobiernos representan un paso atrás para la autonomía que alguna vez se obtuvo en la política global.

PALAVRAS CHAVE: Crisis política. Movimientos sociales. Nuevo modelo de gobernementalidad. Argentina.

THE CRISIS OF SOCIAL MOVEMENTS AND THEIR CAPACITY TO MULTIPLY CRISES AND CREATE A NEW MODEL OF GOVERNMENTALITY IN LATIN AMERICA: THE EXAMPLE OF ARGENTINA

ABSTRACT: Although the definition of new social movements in the social sciences of Europe and America was more functional than substantive, these movements had the aura of a positive innovation of political and social progress. Compared to the old social movements, such as the workers' and peasants' movement, they were considered progressive and the former as the survivor, there was a real euphoria among the activists of the new political protests, social scientists and the media. It was believed that the negative developments in the workers' and peasants' movements and revolutions of the 20th century and in the socialist states that emerged from them could be overcome through a new category – that of new social movements. In my contribution I would like to analyze the crisis of the new current social movements as part of a crisis of society as a whole and its change to multiply the social and political crisis through new models of government of the extreme Right using the example of Argentina. I show the alternation between neoliberal and center-left governments with their different political approaches in Argentina, which repeatedly resulted in emergencies and social crises, each time triggering social protest movements against the governments in power. The movements were repeatedly the birthplace of new governments that implemented counterprescriptions: neoliberal governments that promoted their own oligarchy and foreign capital and carried out social cuts, on the one hand, and center-left approaches that promoted broader social redistribution and on the other. At the same time, on the contrary, a capitalist economy protected from foreign tutelage should be. The systemic issue in the sense of anti-capitalism was not the focus of attention of either center-left parties or social protest movements, although some social movements raised this issue. This general failure led to a crisis in the political system and a crisis in social movements, which ultimately resulted in the far-right ultra-neoliberal government of Javier Milei. He

is in line with Trump, Meloni, Le Pen, Bolsonaro, Kast and Bukele. This form of politics is characterized by limited parliamentarism, extreme social cuts and privatization of social areas, political repression, politicization and militarization of politics, a kind of caste politics, mass manipulation, environmental and gender nihilism and racism. In Latin American countries there is also close cooperation of this type of government with Western states, transnational capital and Western-dominated financial and economic institutions, such as the IMF and the OECD. Even in international conflicts and wars, such as in Ukraine and Gaza, these countries always support the Western side. These governments represent a step backwards for the autonomy once gained in global politics.

KEYWORDS: Political crisis. Social movements. New model of governmentality. Argentina.

1 INTRODUCCIÓN

Aunque la definición de nuevos movimientos sociales en las ciencias sociales de Europa y América fue más funcional que sustantiva, estos movimientos tenían el aura de una innovación positiva de progreso político y social. En comparación con los viejos movimientos sociales, como el movimiento de trabajadores y campesinos, se los consideraba progresistas y al primero como el superviviente, hubo una verdadera euforia entre los activistas de las nuevas protestas políticas, los científicos sociales y los medios de comunicación. Se creía que los acontecimientos negativos en los movimientos obreros y campesinos y las revoluciones del siglo 20 y en los estados socialistas que surgieron de ellos podrían superarse a través de una nueva categoría – la de los nuevos movimientos sociales. En mi contribución me gustaría analizar la crisis de los nuevos movimientos sociales actuales como parte de una crisis de la sociedad en su conjunto y su cambio para desmultiplicar la crisis social y política a través de nuevos modelos de gobierno de la extrema Derecha usando el ejemplo de la Argentina.

2 PUNTO DE PARTIDA TEÓRICO

En Dieter Rucht se puede leer que los movimientos sociales “*son intentos a largo plazo de grupos y organizaciones conectados en una red para provocar, prevenir o revertir el cambio social a través de la protesta*”. Aquí tenemos la “red de grupos y organizaciones” en lugar de clases, el “cambio social a través de provocar, prevenir o revertir” en lugar de revolución y la protesta en lugar de lucha de clases. Aquí se despidió de la categoría marxista de la lucha de clases.

La definición de Rucht, que ha sido adoptada por varias teorías occidentales de los movimientos sociales, se refiere principalmente a los llamados “nuevos movimientos sociales”, que se diferencian de los viejos movimientos sociales que han existido desde el siglo XIX, como los movimientos sindicales, obreros y campesinos. Ambos tipos de

movimientos difieren particularmente en términos del objetivo del cambio social general, que no es buscado por los nuevos movimientos sociales, la lucha de clases, que no juega ningún papel en los “nuevos”, y la vanguardia política, que los viejos movimientos tienen la forma de partidos de liderazgo político y son rechazados por los “nuevos”.

El término “nuevos movimientos sociales” surgió con los movimientos estudiantiles, contra la guerra, de mujeres, medioambientales, del tercer mundo y de derechos civiles de los años sesenta. Según Jürgen Habermas, los nuevos movimientos se diferencian de los antiguos en que no tienen estructuras organizativas jerárquicas, sino sólo estructuras de red flexibles. No quieren ganar poder en el Estado, quieren mantenerse alejados tanto de la influencia del Estado como de los vínculos partidistas y actuar predominantemente de forma no violenta. La violencia debe ser reemplazada por la contrapublicidad y la desobediencia civil. Los grupos que protestan no quieren involucrarse directamente en política, sino sólo influir en la política. La desobediencia civil aparece predominantemente como un “acto de violación simbólica y no violenta de las reglas”. En “Facticidad y Validez”, Habermas atribuye autolimitación a los nuevos movimientos sociales, basándose en la teoría de sistemas de Luhmann, es decir, que los movimientos sólo se relacionan con sus propios objetivos como grupo social y no con otros subsistemas de la sociedad, como la política y la economía.

La diferencia crucial que se hizo en las ciencias sociales entre los nuevos y los viejos movimientos sociales fue que los “viejos movimientos” apuntaban a, pero no pretendían, un cambio en la sociedad en su conjunto y los “nuevos” sólo a cambios en subáreas dentro de la sociedad existente. Como explicó Habermas, los nuevos movimientos no son capaces y no son dispuestos a hablar en nombre de la sociedad en su conjunto. Esta visión reflejaba las opiniones de los activistas de los nuevos movimientos sociales. En este sentido, el objetivo o resultado más amplio de las protestas sociales fue un cambio del gobierno, pero no una agitación social. Los movimientos se centraron en un cambio de presidentes o de partidos en el parlamento, es decir un proyecto político, pero no fundamentalmente de toda la sociedad. Sin embargo, la mayoría de las veces sólo quieren mejorar una situación insatisfactoria en su propia situación del grupo. La comprensión de los movimientos sociales con el adjetivo “nuevo” en su definición científica y su práctica en los siglos XX y XXI sólo se quedó en la superficie del cambio de la sociedad, que se centró en lo político y menos en lo socioeconómico. Sólo en raras ocasiones alcanzó las profundidades de los sistemas sociales, como fue el caso de los viejos movimientos de trabajadores, campesinos y sindicatos.

Sin embargo, las expectativas de los actores de los nuevos movimientos sociales difieren considerablemente de este mango. Esperan cambios importantes en partes de

la sociedad o en la sociedad en su conjunto, pero a menudo se sienten decepcionados cuando se produce un cambio puramente político sin cambio social. Las soluciones a la insatisfactoria situación social de los grupos protestantes no pueden sostenerse a largo plazo mediante nuevos presidentes, nuevos gobiernos o nuevos regímenes políticos sin un cambio fundamental en la sociedad. Los nuevos gobiernos se ven superados por las presiones sociales y, contra su voluntad, adquieren una mala imagen política, lo que enfurece aún más a los manifestantes por sus esperanzas frustradas y sus víctimas desesperadas. Los activistas se sintieron traicionados.

Y la causa de la crisis de los movimientos sociales radica en esta visión estratégica, que prefiere particularmente lo táctico a lo sistémico. El predominio de lo político sobre lo socioeconómico y la insignificancia del cambio social es la causa fundamental de la crisis de los nuevos movimientos sociales. La crisis se expresa sobre todo en el hecho de que los movimientos progresistas que defienden la verdadera democracia en el sentido de la participación política de todos, pero también de la propiedad social, fracasan repetidamente y terminan en un agotamiento político e idealista. Entonces se crea un espacio vacío que pueden tomar otras fuerzas, principalmente representantes de grupos antidemocráticos de derecha. La crisis de los movimientos sociales en el cambio de siglo XX y XXI consiste en las contradicciones entre las expectativas y los resultados de estos movimientos, entre las intenciones de cambio social y la imposibilidad de un cambio duradero debido a una revolución social no reconocida y no implementada.

La decepción por los efectos positivos de los nuevos movimientos sociales para mejorar permanentemente las condiciones de vida de diversos grupos y organizaciones sociales provocó una crisis en la sociedad capitalista actual, que desencadenó una crisis de sistemas múltiples en toda la sociedad y provocó intentos de la derecha por estabilizar el sistema. Las fuerzas restauradoras de derecha están llenando el vacío que ha surgido en los nuevos movimientos sociales, que han sido más de izquierda desde los años sesenta. Utilizan las prácticas de los nuevos movimientos sociales para aprovecharlas para sus propios fines e iniciar un desarrollo restaurativo. Un cambio político de derecha en la mayoría de los países del mundo después de la Segunda Guerra Mundial no es posible solo a través de líderes o partidos políticos después de la difusión de los valores e instituciones democráticos y legales internacionales. Un giro de derecha que apunta a contrarrestar la desestabilización de la sociedad en su conjunto y las múltiples crisis de principios de siglo necesita la masa social como base de la reestructuración. La lógica de los déficits sustanciales y las consecuencias políticas y sociales destructivas de los nuevos movimientos sociales hizo que algunos de los activistas de los movimientos sociales de

izquierda se cambiaran a movimientos sociales de la derecha. Dado que muchos de ellos sólo se preocupan por las formas de protesta y la expresión de su insatisfacción y menos por las conexiones sociales y el cambio de la sociedad, a menudo ni siquiera notan la diferencia entre las perspectivas. El uso de los mismos lemas verbales como “defensa de los valores democráticos”, “defensa de la libertad”, que se utilizan dentro de los movimientos de derecha, también contribuye al cambio de bando de muchos activistas.

Esta es la razón principal del repentino surgimiento de movimientos sociales que ya no apoyan a los políticos de izquierda como antes, sino principalmente a políticos y partidos conservadores, neoliberales y de extrema derecha. Sólo quiero dar dos ejemplos: el movimiento que se formó en torno al derechista ex y posiblemente nuevo presidente estadounidense Donald Trump y el movimiento en torno al partido derechista alemán “Alternativa para Alemania” (AfD). La razón principal de esta dirección del desarrollo no son las falsificaciones y los algoritmos de los nuevos medios sociales en la revolución mediática, como afirman muchos científicos, sino más bien la pérdida de conocimientos y prácticas sobre el cambio social real, sobre la naturaleza del capitalismo, la necesidad de algo más profundo cambiar las relaciones de propiedad y alterar los mecanismos de maximización de beneficios como requisito previo para un cambio real y duradero. Es una nueva manera de establecer y gestionar la crisis múltiple, que incluye la crisis de los nuevos movimientos sociales, lo que significa „remultiplicar la crisis“.

Quisiera ahora analizar lo que he dicho aquí en general sobre las contradicciones entre demandas, expectativas y realidad de los „nuevos movimientos sociales“ como base de su crisis usando el ejemplo de América Latina y Argentina en particular.

3 LA ARGENTINA COMO EJEMPLO PARA MULTIPLICAR LA CRISIS

Argentina tiene desde Diciembre 2023 un gobierno ultra-derecho bajo el presidente Javier Milei, quién ejerce una política de degradación social sin ejemplo, de repesión política y de un acercamiento al Oeste. En su agenda socioeconómica y política ultraderechista supera parcialmente el modelo socio-económico neoliberal de la dictadura argentina entre 1976 y 1983. En aquel momento, el sistema neoliberal al estilo Milton Friedman, empezando por Pinochet en Chile, sólo podía establecerse con la ayuda de dictaduras miliares, así también en la Argentina. Hoy en día, esto es lo que hace un gobierno electo, e incluso ganó la presidencia con una cómoda mayoría. Esto sucedió a diferencia de gobiernos de centro izquierda como Chile, Colombia y Brasil, que sólo tenían una mayoría muy estrecha. Milei también pudo aprovechar un amplio seguimiento social y las protestas sociales contra sus gobiernos anteriores. Él dio un giro directo

en comparación con los gobiernos anteriores de Ernesto Kirchner, Cristina Fernández de Kirchner y Alberto Fernández. Una interrupción fue Mauricio Macri (2017-2019), quien aplicó políticas neoliberales como programas de ajuste económico, acuerdos de explotación con el Fondo Monetario Internacional, recortes sociales y un acercamiento de la política exterior con Estados Unidos.

Al igual que los gobiernos progresistas, Macri y Milei también llegaron al poder con la ayuda de los movimientos sociales. La “calle” siempre tuvo voz para el cambio político y voto en las elecciones. La fue un barómetro del estado de ánimo, así como un generador de estado de ánimo para el electorado y para las disputas en el parlamento. ¿Por qué fueron siempre los movimientos sociales los que representaron un punto de partida decisivo para un cambio de gobiernos, que eran tan diferentes y a menudo perseguían conceptos políticos opuestos?

A principios del siglo XX, Argentina fue uno de los países de América Latina con mayores movimientos sociales que desarrollaron un gran poder transformador, que estuvo vinculado a demandas de muy amplio alcance por nuevos caminos sociales en una dirección de la izquierda. El detonante fue la crisis financiera y económica entre 2001 y 2002, durante la cual el sistema político e económico argentino colapsó. La crisis económica fue el resultado de dos mandatos de gobierno del presidente Carlos Menem (1989-1999), que siguió una política estrictamente neoliberal y, siguiendo el consejo del FMI, se endeudó para grandes proyectos financiados del extranjero, cuyos intereses el país no podía pagar. Las deudas de Argentina se dispararon, aunque Menem redujo drásticamente el gasto social y utilizó las últimas reservas del país para pagar las deudas. Cuando las reservas del banco central disminuyeron hasta tal punto que ya no pudo pagar préstamos a otros bancos, surgió una crisis bancaria única en la que los bancos cerraron. Las empresas ya no podían pagar los salarios y los clientes de los bancos ya no podían retirar dinero de un día para otro. Las grandes empresas huyeron del país. La Argentina alcanzó 21 porcentaje de desempleo, la mitad de la población por debajo del umbral de pobreza y una caída del 20 porcentaje del PIB. En esta situación, los movimientos sociales surgiendo por necesidad existencial eran el único salvavidas de la población.

Surgieron como hongos movimientos sociales como los Piqueteros (Movimiento de desempleo), los “Cartoneros”, que vivían de la recolección de papel y residuos, el movimiento de pequeños ahorristas, movimiento cambiario y bolsas de cambio, el movimiento estudiantil, sindical y de mujeres y las Fábricas Recuperadas. Se unieron a las „Madres de Plaza de Mayo“ y a los movimientos que pedían el castigo de las violaciones y perpetradores de derechos humanos durante la dictadura militar de 1976 a 1983. Durante

este período, los movimientos sociales reemplazaron a los partidos políticos que no pudieron gestionar la crisis política. Y aunque los movimientos sociales eran muy dispares y perseguían objetivos muy distintos, coincidieron en una lema: “¡Qué se vayan todos!” y en una visión: los anteriores gobiernos neoliberales ya no fueron capaces de liderar el país. Se necesitaba un nuevo gobierno con una política completamente diferente al neoliberalismo. Así, después de varios cambios de inestables gobiernos de corto plazo, los movimientos sociales finalmente llevaron al poder a una serie de gobiernos progresistas de centro izquierda que perseguían un programa socialdemócrata y apuntaban a una mayor independencia de los Estados Unidos y las instituciones financieras occidentales. Se establece un acercamiento con otros Estados del continente con gobiernos centro izquierda como Brasil bajo Luiz Ignácio Lula da Silva, Uruguay con la Frente Amplio, Ecuador con Rafael Correa, Bolivia con Evo Morales y con Venezuela con Hugo Chávez en la primera “Ola Rosa”.

Por ahora Néstor Kirchner logró salvar una economía en quiebra de un mayor colapso rechazando las órdenes del FMI. Una política económica que ha permitido a Argentina alcanzar un crecimiento promedio del 8 por ciento anual y sacar de la pobreza a 11 millones de personas. Cristina Kirchner continuó las políticas de su marido en su primer mandato (2007-2011).² La política económica, en la que se apuntó a una industrialización sustitutiva de importaciones, apoyada en medidas proteccionistas inicialmente moderadas. En la política de derechos humanos, en la que se impulsó aún más la reconciliación con los crímenes de la dictadura militar del Proceso de Reorganización Nacional. Durante el transcurso de su gobierno, especialmente durante la segunda etapa (2011-2015), los ataques a Cristina Kirchner aumentaron, ya que encontró resistencia de la oligarquía agraria y de empresas transnacionales contra medidas drásticas como aumentos de impuestos, controles de cambio y nacionalizaciones de grandes empresas (p.e. del empresa de petróleo YPF, que estaba en manos españolas). La falta de alternativas significó que los Kirchner no tuvieron oportunidad de disolver las grandes asociaciones agrícolas, impedir inversiones extranjeras predatorias, cambiar fundamentalmente el panorama mediático de derecha o negarse permanentemente a aceptar las instituciones financieras (FMI) y comerciales (OCDE) occidentales. Así no pudieron superar el desastre financiero y económico que tenía sus raíces en el capitalismo, la dependencia de Occidente y, en última instancia, las políticas neoliberales de Menem. La escasez artificial de suministros para la población por instituciones financieras internacionales y emprendimiento transnacional y nacional, en particular el

² Weisbrot, Marc (2010): Néstor Kirchner: Argentina's independence hero. The Guardian, 27.10.2010. <https://www.theguardian.com/commentisfree/cifamerica/2010/oct/27/nestor-kirchner-argentina-imf>.

rechazo de las asociaciones agrícolas, crearon una emergencia económica y social para la población. Además, hubo influencia ideológica del grupo mediático antigubernamental Clarín, que responsabilizó al presidente de izquierda de la crisis. Aquí es exactamente donde se materializó la decepción de las masas por las promesas de los gobiernos de izquierda de los Kirchner no cumplidas, que se discutió en el primer capítulo.

El llamado kirchnerismo ya no contaba con el apoyo de la mayoría de la población. Las calles se llenaron una vez más para hablar contra Cristina Kirchner, con acusaciones no probadas contra la presidenta de corrupción y participación en un ataque antijudío que se convirtieron en el punto de referencia para el candidato neoliberal y pro oeste Mauricio Macri. El llamado Kirchnerismo debilitado y los grupos políticos que estaban a la izquierda de Cristina Kirchner y se presentaron como candidatos a las elecciones, como los piqueteros o las asociaciones de desocupados, eran demasiado diferentes, persiguieron sus propios intereses y no podían formar una alternativa política para toda la sociedad. Miles de personas protestaron en Buenos Aires y otras capitales de provincia contra las políticas de Cristina Kirchner, contra la corrupción, una situación de seguridad precaria y para más libertad, especialmente en cuanto de los controles cambiarios y de la nacionalización de empresas. Estas protestas jugaron un papel decisivo en la llegada al gobierno del candidato conservador neoliberal Mauricio Macri. En términos de contenido, los movimientos sociales representaban ahora objetivos opuestos a los de la época de la gran crisis de 2001/2002, cuando se alzaron contra el neoliberalismo y reclamaron más justicia social y participación popular. Aunque también hubo partidarios y seguidores de la presidenta de izquierda Cristina Kirchner, fueron aplastados por el poder abrumador del contramovimiento. Esta fue la primera fase de la crisis de los movimientos sociales, que los académicos denominaron “nuevos movimientos sociales” y que hasta entonces habían tenido principalmente un carácter participativo y emancipatorio. Participativo en el sentido de una mayor participación y consideración de las clases bajas y subrepresentadas y emancipador en el sentido de liberar las limitaciones sociales para la justicia social e incluso el anticapitalismo.

Las políticas neoliberales de Mauricio Macri sirvieron principalmente a la oligarquía agraria argentina y al empresariado transnacional. Macri levantó las restricciones al comercio de divisas y negoció acuerdos de austeridad con el FMI, que aceptó nuevas medidas de austeridad social y de deuda. La deuda que asumió Macri equivalía a 127 veces la capacidad de endeudamiento del país. Esto llevó a una devaluación del peso argentino de alrededor del 35 por ciento. La ministra de Seguridad de Macri, Patricia Bullrich, facilitó el uso generalizado de armas de fuego por parte de

las fuerzas policiales. Entre otras cosas, se permitió el uso de armas de fuego durante las manifestaciones. Durante los primeros tres años de la presidencia de Macri, 1.206 personas murieron a manos de las fuerzas policiales, la cifra más alta desde la dictadura militar.³ Las políticas de Macri no cumplieron los deseos de los movimientos sociales pro Macri y no les brindaron libertad frente a la corrupción, más libertad y más seguridad. Los datos económicos se deterioraron muchas veces y condujeron nuevamente al empobrecimiento social. El producto interno bruto fue negativo en tres de sus cuatro años en el cargo, el más reciente en 2,2porcientos. La inflación también alcanzó el 53,8% en 2019, el nivel más alto desde 1991.⁴ Durante su mandato, el porcentaje de personas que viven por debajo del umbral de pobreza aumentó al 35 porcientos. La deuda nacional aumentó de 157 mil millones de dólares a 277 mil millones de dólares. Es el presidente que más endeudó al país en los últimos 50 años.⁵ Surgió una nueva crisis económica. Negoció acuerdos de austeridad con el FMI, que aceptó nuevas medidas de austeridad social y de deuda.

Ahora surgieron enormes movimientos contra Macri, en los que los movimientos sindicales y obreros, que son más bien viejos movimientos sociales, desempeñaron un papel particularmente importante. Entendieron parcialmente las políticas clasistas de Macri y exigieron un cambio social y política con diferentes redistribuciones, nacionalizaciones de la infraestructura crítica y resistencia a las instituciones financieras y económicas internacionales como el FMI y la OCDE. Cuando estos movimientos se combinaron con los movimientos de mujeres, docentes y de derechos humanos, lograron que el izquierdista 2019 llegara Alberto Fernández al gobierno y nombrara Cristina Fernández de Kirchner como su vicepresidenta, quien era más acorde con las demandas del sindicatos y movimientos obreros que Fernández, quien representaba un programa más socialdemócrata. Al principio, al igual que Néstor Kirchner, Fernández intentó defenderse de las estrictas exigencias del FMI de pagar las deudas asumidas por Macri y combinarlas con las condiciones sociales habituales. Cuando Estados Unidos presionó a Argentina y amenazó con negarle préstamos, Alberto Fernández cedió e implementó un programa de austeridad para el gasto social. Pese a las esperanzas de la población, el dilema de los gobiernos kirchneristas se repitió bajo el gobierno de Alberto Fernández, solo que ahora sumado a la devastadora pandemia de Covid-19 y a una relación rota con su viceministra, Cristina Kirchner. El ministro de Economía, Sergio Massa, incorporado al

³ "Argentina prohíbe a periodistas cubrir protestas y permite la represión." teleSUR.tv., 22.02.2016. <https://www.telesurtv.net/news/Argentina-prohíbe-a-periodistas-cubrir-protestas-y-permite-la-represion-20160222-0049.html>.

⁴ Recesión. En 2019 el PBI se contrajo 2,2% y cayó por segundo año consecutivo. La Nación, 25.03.2020. <https://www.lanacion.com.ar/economia/oficial-en-2019-pbi-se-contrajo-22-nid2347285/>

⁵ Macri, campeón del endeudamiento: se fue y dejó una deuda externa de u\$s227.000 millones.

gabinete por Fernández para resolver sus diferentes con Cristina Kirchner, recortó los programas sociales y de pensiones, la ayuda alimentaria, la ayuda a la formación y los subsidios a los precios de la electricidad, y aumentó el gasto en intereses de la deuda. A pesar de otorgar nuevos préstamos y ahorros sociales, Fernández no pudo frenar la inflación que alcanzó un máximo del 149 por ciento en 2023. La desproporción entre las pérdidas financieras provocadas por el ultraendeudamiento desencadenado por Mácri, la caída de la producción, el comportamiento de bloqueo de la oligarquía rural, las consecuencias negativas del coronavirus, el deterioro de las condiciones de negociación debido a la guerra en Ucrania, por un lado, y la poca cantidad de dinero nuevo procedente de ahorros sociales y nuevos préstamos, por otro, provocó que la inflación volviera a aumentar rápidamente y provocó agitación social. El FMI y Estados Unidos eran muy conscientes de la inutilidad y el impacto negativo del programa de austeridad forzoso y Fernández se vio obligado a hacerlo de todos modos. Ese fue también el punto principal de la ruptura entre el presidente y Cristina Kirchner, que quería seguir defendiéndose de las exigencias sociales ante el FMI. Pero tuvo muy poco apoyo en el gobierno y el parlamento y se vio frustrado por acusaciones de corrupción y otras acusaciones. Aunque la mayoría de los sindicatos y trabajadores y varios intelectuales progresistas lo apoyaron, perdió el favor de una gran parte de la población y fue objeto de una contracampaña por parte de los medios oficiales y sociales burgueses.

En 2023, las protestas a nivel nacional adquirieron enormes dimensiones y exigieron la retirada de los acuerdos con el FMI y los recortes sociales. Un ejemplo de esto es la Marcha Federal Piquetera, que desfiló como una marcha estelar desde todo el país hasta el Ministerio de Fomento en Buenos Aires y acampó en la Plaza de Mayo. En Mayo 2023 protestaron 350.000 personas contra el rápido aumento del hambre y la pobreza en Argentina.⁶ Las protestas ahora estaban dirigidas no sólo contra la precaria situación social, sino también contra el gobierno. A diferencia de protestas anteriores bajo el gobierno de Fernández, no solo participaron los movimientos sociales de oposición. Organizaciones de base como la Asociación de Trabajadores de la Economía Informal (UTEPI), cercanas a la coalición gobernante Alianza de Frente de Todos, FdT, también participaron con una postura crítica hacia el gobierno.⁷ La unión de varios movimientos sociales de diferentes tendencias políticas, que estaban dirigidos contra las políticas de ajuste de Alberto Fernández y Sergio Massa y sus desastrosas consecuencias sociales, dio lugar a la esperanza entre muchos de que esta ola unida de protesta social conduciría a un giro hacia la izquierda. turno en Argentina. Sólo faltaban los representantes políticos.

⁶ Weber, Hans (2023): Hunderttausende auf historischer Demo gegen Hunger und IWF-Sparpolitik in Argentinien. Amerika21, 28.05.2023. <https://amerika21.de/2023/05/264088/grossdemo-argentinien-gegen-iwf>.

⁷ Ibídem.

La candidatura de la vicepresidenta peronista de izquierda Cristina Kirchner fue impedida por un juicio por corrupción y no había ningún otro candidato influyente disponible.

4 LA CRISIS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES, SU CAPACIDAD DE DESMULTIPLICAR LAS CRISIS Y EL ASCENSO AL PODER DE JAVIER MILEI

La crisis socioeconómica y política creó un campo vacío para alternativas de izquierda en el que podían avanzar las fuerzas de derecha y ultraderecha. Dado que la memoria de la población sobre la fallida política neoliberal de Meném y Mácri estaba ciertamente presente y también fue rechazada por los movimientos sociales de izquierda, y no había ningún candidato de izquierda disponible, ni el candidato peronista de derecha Sergio Massa con la alianza “La Libertad Avanza” ni Patricia Bullrich del partido de Mácri con la alianza “Juntos por el Cambio” logró una mayoría segura. Decepcionado tanto por las políticas neoliberales como por los gobiernos de centroizquierda de los últimos 20 años, el candidato Javier Milei, en gran parte desconocido pero excéntrico, quien quería usar una motosierra contra “el establishment” y destruir el Estado y prometió “hacer que Argentina vuelva a ser fuerte”, se presenta ahora como una alternativa real por la población desesperada. Se sintieron traicionados y abandonados por todo lo que tuviera que ver con el Estado y “el establishment”. No importaba que Javier Milei quisiera destruir el banco central y convertir el dólar en la moneda argentina. Él recibió mucho aliento de la multitud en la calle que lo aclamaba. En el primer ciclo electoral de 22. octubre de 2023, Milei quedó con 30 por ciento en segundo lugar y la candidata neoliberal Patricia Bullrich el tercera lugar. El ministro de Economía en funciones, peronista, Sergio Massa, ocupó el primer lugar con un 36 por ciento. La oposición neoliberal en torno a la oligarquía alrededor de Mácri reconoció su oportunidad en Milei y apoyó su candidatura. Antes de la segunda vuelta electoral, que se realizó entre Massa y Milei, Patricia Bullrich, retiró su candidatura. Dado que Milei fue aplaudida por muchos movimientos sociales y, más que Patricia Bullrich, tocó la fibra sensible de las masas decepcionadas, se trataba de una jugada de la oligarquía para recuperar el poder político. La alianza electoral neoliberal en torno a Mácri y la de Javier Milei unieron para impedir la victoria de Massa. El cálculo funcionó: el 19 de noviembre de 2023 Milei fue elegido presidente con una cómoda mayoría del 55,69 por ciento (Massa recibió sólo 44,3 por ciento), y asumió su presidencia el 10 de diciembre de 2023. En su discurso posterior a las elecciones, Milei dijo entre atronadores aplausos: “«seremos un gobierno limitado que cumple a rajatabla con sus compromisos que ha tomado respecto a la propiedad privada y el comercio libre. El modelo de la decadencia a llegado a su fin. (...) De ser el país más rico del mundo, la mitad

de los argentinos son pobres y el 10 por ciento son indigentes. Basta del modelo de la casta. (...) Quiero decirles que Argentina tiene futuro, pero ese futuro existe si ese futuro es liberal.” Finalizó su discurso: “¡Viva la libertad, carajo!” y con el lema de los movimientos sociales de 2001/02 que llevaron al poder al gobierno peronista de izquierda de Néstor Kirchner “¡Que se vayan todos, que no quede ni uno solo!”.⁸

El ultraderecho Milei ganó, aunque nunca antes tantos partidos, sindicatos, iglesias, asociaciones y movimientos sociales como los feministas, indígenas, de derechos humanos, estudiantiles y ambientalistas se habían pronunciado de forma tan unánime contra un candidato. El hecho de que aún así ganara tan alto es un indicador de una profunda crisis, no sólo del sistema político del peronismo y la división de la sociedad argentina sino también en los movimientos sociales. Por un lado la causa fue el difícil juego de póquer de la oligarquía de terratenientes, los medios de comunicación de derecha, los derechos militares y las empresas trasnacionales con el apoyo de los Estados Unidos y del Fondo Monetario Internacional, pero por el otro lado está la crisis de los movimientos sociales que se están escindiendo. Muchos participantes en los movimientos vecinales, pequeños grupos de ahorro y jóvenes apoyaron a Javier Milei y siguieron su argumento de que había encontrado la mejor receta aparte de los gobiernos anteriores para darles una perspectiva. Ya no veían perspectivas para sí mismos ni bajo un gobierno de centroizquierda ni bajo un gobierno neoliberal. La antropóloga argentina Rita Segado hizo la comparación para esta situación: “Milei es el arenero al final de un tobogán de decepciones.”⁹

Pero fue más que una simple decepción. Se perdió la cohesión de la sociedad, que fue tan fundamental en los años de crisis de 2001/2002. La sociedad argentina estuvo sujeta, a raíz de los conceptos fallidos de neoliberalismo y antineoliberalismo, a una profunda división y atomización de sus miembros, lo que también llevó a una división de los movimientos sociales en izquierda y derecha con objetivos completamente opuestos. La debilidad de los movimientos sociales estaban impulsados profundamente por el miedo existencial. Un indicador importante es el cambio en la estructura social en Argentina, en particular el crecimiento del sector informal de la clase trabajadora, que fue olvidado por las fuerzas de izquierda y los gobiernos de centro izquierda, no recibió beneficios sociales y no gozó de seguridad. Por ejemplo, jóvenes de la economía informal que se autodenominan “emprendedores” apoyan a Milei. Rechazan los

⁸ ANRed (2023): Milei presidente: «no hay lugar para el gradualismo, para la tibieza o las medias tintas». ANRed, 19.11.2023. <https://www.anred.org/2023/11/19/milei-presidente-no-hay-lugar-para-el-gradualismo-para-la-tibieza-o-las-medias-tintas/>.

⁹ Segato, Rita (2024): “El voto a Milei es un voto del resentimiento a que no se hayan cumplido las promesas de la democracia”, Canal Abierto, 17.04.2024. <https://canalabierto.com.ar/2024/04/17/el-voto-a-milei-es-un-voto-del-resentimiento-a-que-no-se-hayan-cumplido-las-promesas-de-la-democracia/>.

programas sociales en general porque nunca han tenido acceso a ellos y los ven como privilegios inmerecidos de otros. También muchos hombres de este grupo rechazaron la fuerte movimiento feminista en la Argentina confundiendo su miedo existencial social con sentimientos de desplazamiento sexual. Apoyaron Milei en su discurso antifeminista. En ausencia de una perspectiva de izquierda, un miedo existencial paralizante se extendió entre la población, principalmente entre grandes sectores de jóvenes sin perspectivas o en el sector que trabaja a propia cuenta, que se vio agravado aún más por los horrores vividos durante la crisis del Corona. Milei supo canalizar el miedo con su discurso hipnótico que prometía curación.

5 LA PRESIDENCIA DE JAVIER MILEI COMO UN NUEVO MODELO DE GOBERNAMENTALIDAD DE LA DERECHA GLOBAL

Milei pudo crear una base segura entre la población argentina para su política ultraconservadora gracias al amplio seguimiento de votantes decepcionados y asustados de las clases media y baja, especialmente los trabajadores informales, los ultraconservadores y los partidarios de la dictadura militar, y el apoyo del campo neoliberal en torno a Mácri, los Estados Unidos y del Fondo Monetario Mundial. La crisis de los movimientos sociales jugaba un rol grabante en eso. Esta base social segura compensó la marginación política que lo acompañó en el parlamento y es una expresión de cuán profundas son las estructuras sociales y las relaciones de poder. Algunos científicos como Thierry Meyssan también lo denominan “estado profundo”. En tal situación, los movimientos sociales leales a menudo reemplazan a los partidos políticos y apuntan a modelos políticos predemocráticos. Los seguidores sociales lograron que el Parlamento aceptara las propuestas legislativas de Milei a pesar del poder minoritario del presidente en el Parlamento y del rechazo generalizado. Milei hizo posible que la campaña amenazante extorsiva y ofrecimientos de cargos hiciera cumplir su objetivo en el parlamento, él redujo o abolió beneficios sociales y protección laboral para la mayoría de la población argentina y desreguló la política ambiental bajo el pretexto de la estabilización macroeconómica. Todas estas medidas son parte de “un programa de choque con” el que la extrema derecha apunta a un cambio radical en el modelo social argentino.

Desde el inicio de su mandato, el gobierno de Milei lanzó un ataque contra las condiciones de vida y las estructuras sociales en Argentina. El Decreto de Urgencia N° 70/23 (Decreto de Necesidad y Urgencia - DNU) fue una de las primeras medidas del gobierno en la que quedaron claras las principales características de este cambio de rumbo. Otras áreas afectadas incluyen la vivienda con la abolición de las protecciones

a los inquilinos, las relaciones laborales a través de un mercado laboral más flexible, las restricciones al derecho de huelga, así como la protección ambiental y los derechos territoriales de las comunidades indígenas.¹⁰ En los primeros meses del año, Milei intentó lograr la aprobación de la “Ley de Bases y Puntos de Partida para la Libertad de los Argentinos”, llamada la “Ley Ómnibus” en el Parlamento. El proyecto de ley inicialmente fracasó en la cámara alta. Luego de ser revisada y recortada de está y otra ley de reforma tributaria fueron aprobadas en el Senado en junio de 2024. Las dos leyes se complementan. La reforma fiscal reduce los impuestos sobre la riqueza para el 10 por ciento más rico de la población y facilita el lavado de dinero. Al mismo tiempo, se reintroducirá el impuesto sobre la renta para la clase media, que ya se ve afectada por una reducción de los salarios reales, así como por aumentos en los precios de los alimentos y los seguros médicos. La ley también permite la subcontratación no regulada de puestos de trabajo y elimina el quórum de pensiones. Las actividades económicas en las industrias primaria y extractiva están respaldadas por una variedad de desgravaciones aduaneras, fiscales, cambiarias y regulatorias.

El carácter antidemocrático de la ley reside principalmente en el hecho de que, en caso de “emergencia pública en materia administrativa, económica, financiera y energética”, prevé que el gobierno puede asumir tareas legislativas durante un período de un año y puede excluir al parlamento.¹¹ Recuerda mucho a la “Ley Habilitante” de la Alemania nacionalsocialista.

Al poco tiempo se hicieron evidentes las consecuencias sociales de la reestructuración legal de la economía. La inflación aumentó al 290 por ciento. Según estimaciones del Observatorio de la Deuda Social de la Universidad Católica Argentina, en el primer trimestre de 2024, alrededor del 55,5 por ciento de la población se encontraba en pobreza y el 17,5 por ciento en pobreza absoluta. Esto significa que alrededor de 25 millones de argentinos son pobres y alrededor de 8 millones viven en pobreza extrema.¹² La ley básica también representa un enorme revés para la protección ambiental, en violación del Acuerdo de Escazú ratificado por Argentina en 2020, el primer acuerdo ambiental continental en América Latina. Millones de personas en Argentina padecen hambre. El hambre y la pobreza ciertamente existían antes de Milei, pero las proporciones actualmente son enormes. Ante esta situación, el gobierno cerró muchos comedores sociales. Milei también hizo un giro completo en la política de memoria a la Dictadura militar de 1976 a 1983 al llegar a un acuerdo con ella. Argentina bajo los

¹⁰ CELS, Miserior (2024): Wir dokumentieren: Sechs Monate Javier Milei. Npla, 22.06.2024. <https://www.npla.de/thema/politik-gesellschaft/wir-dokumentieren-sechs-monate-javier-milei/>.

¹¹ Ibidem

¹² Ibidem

gobiernos progresistas en particular fue un ejemplo de una reevaluación justa de este capítulo histórico.

La creciente caída del nivel de vida de grandes sectores de la población provocó rápidamente una ola de protestas. Los movimientos sociales, partidos y organizaciones que estaban en contra de la elección de Milei desde el principio ahora se unieron con una serie de partidarios engañados de Milei en enormes manifestaciones de protesta. Esto se hizo particularmente visible durante las marchas y manifestaciones contra la adopción de la ley general. La resistencia social volvió a las calles contra la derecha, pero ya era demasiado tarde, la derecha estaba en el gobierno. El gobierno y el parlamento respondieron con represión. El Parlamento adoptó un protocolo del Ministerio de Seguridad para las operaciones policiales, que permite a las fuerzas de seguridad dispersar manifestaciones públicas si los manifestantes obstruyen el tráfico. A la policía también se le permitirá portar armas de fuego. Además Milei intenta sistemáticamente destruir los movimientos sociales y las organizaciones de izquierda quitándoles fondos, intimidándolos, persiguiéndolos y desacreditándolos en los medios.

La política exterior de Milei sigue el mismo rumbo ultraderechista y ultraneoliberal que su política interior. Estratégicamente, Milei dio un giro de 180 grados respecto a los anteriores gobiernos de centroizquierda. Mientras Alberto Kirchner (2003-2007), Cristina Fernández de Kirchner y Alberto Fernández se distanciaron del Fondo Monetario Internacional, de los Estados Unidos y de las grandes empresas transnacionales extranjeras y siguieron una política basada en la autonomía, Javier Milei se centró en llevarse bien con los Estados Unidos, el FMI y compañías extranjeras. Nombró a Estados Unidos e Israel como sus socios estratégicos más importantes y quiere ser visto como su puesto de avanzada en América Latina, particularmente como miembro de la OTAN Global y mediante el establecimiento de una base militar estadounidense en la ciudad norteña de Ushuaya. Poco tiempo después de la elección de Milei, altos funcionarios estadounidenses en Argentina dieron el paso. El secretario de Estado, Antony Blinken, y Brian Nichols, subsecretario de Estado para Asuntos del Hemisferio Occidental, le ofrecieron a Milei el estatus de socio privilegiado y una cooperación estrecha en el sector de materias primas, especialmente de hidrógeno y litio, y la renegociación de la deuda de Argentina. El jefe de la CIA, William Burns, y la Comandante Suprema de las US-Fuerzas del Sur, la General Laura Richardson, visitaron Argentina y negociaron una cooperación más fuerte en el campo de seguridad y defensa.¹³ Entre ellos figuraban un acuerdo de ciberseguridad sobre “el intercambio de información sobre amenazas a la seguridad nacional”, sobre el tráfico de drogas, la influencia de China, Rusia e Irán, y otros acuerdos

¹³ “Reunión de Control”. Pagina 12, 21.03.2024. <https://www.pagina12.com.ar/722778-reunion-de-control>.

que tratan del entrenamiento de soldados argentinos en EE.UU., la construcción de un base naval conjunta con los EE.UU. en Ushuaya en la Tierra de Fuego y la administración de la vía fluvial más grande de Argentina por parte del ejército estadounidense. En cuanto a las guerras en la Ucrania y en Gaza, Milei adopta una postura totalmente distinta a la de sus antecesores Fernández y Kirchner. Junto a Estados Unidos y la UE, él es uno de los partidarios más acérrimos de Vladimir Zelensky de la Ucrania y de Netanyahu en Israel. Milei quiere entregar armas a Ucrania y justifica el genocidio en Gaza.

Milei también concede gran importancia a la cooperación amplia con redes radicales de derecha en todo el mundo, como quedó claro cuando el miembro de la derecha “Alternativa para Alemania” von Storch, le entregó el Premio Hayek para su política ultraliberal en Alemania en junio de 2024. Milei está obsesionado narcisistamente con su misión de proclamador del neoliberalismo en estado puro y de la lucha contra el “socialismo” y el “comunismo”, por lo que no rehuye los ataques contra los jefes de gobiernos socialdemócratas en Europa. Milei es una manifestación extrema de la derecha global. Está en la órbita de líderes políticos de derecha como Trump, Meloni, Le Pen, Bolsonaro, Kast y Bukele. Da la impresión de que quiere incluso superarlos. Este círculo representa un nuevo modelo de gobierno. Si bien las políticas neoliberales de la década de 1970 sólo podían implementarse con la ayuda de dictaduras militares en América Latina y Asia, hoy esta política no requiere dictaduras y sigue caminos parlamentarios con elecciones, partidos y leyes. Se respetan las normas democráticas, pero la privación de derechos y la explotación extrema de los trabajadores ha aumentado. La represión contra la resistencia también está legitimada democráticamente, como se puede comprobar en el informe policial del parlamento argentino. La puerta de entrada que lo justifica suele ser el narcotráfico, la migración ilegal y el tráfico de armas, y Milei utiliza especialmente el argumento del “terrorismo”. Esto no significa que las formas de represión no sean similares a las de las dictaduras de los años 1970. Un ejemplo son los campos de concentración que Bukele hizo construir en El Salvador contra las Maras Salvadruhas. Es considerado un modelo a seguir por los políticos de derecha en América Latina, incluido Milei.

6 RESUMEN

El trasfondo de este nuevo modelo de gobierno son las posibilidades limitadas de los gobiernos de centro izquierda para implementar políticas socialmente justas dentro de un capitalismo neoliberal con regímenes políticos de democracia representativa pluralista, en los que intereses puramente corporativos impulsan enfoques políticos de extrema derecha. Durante mucho tiempo hubo esperanzas de que los movimientos

sociales pudieran llenar este vacío, lo que a menudo funcionó a corto plazo. Sin embargo, con la globalización neoliberal, el margen de acción de los gobiernos nacionales se volvió notablemente más estrecho y las políticas sociales igualitarias se volvieron cada vez más restringidas, lo que resultó en la devaluación de los movimientos sociales, sobre todo de los “nuevos movimientos sociales”. En términos de su nivel de globalización, estos ya no podían seguir el ritmo del capital transnacional y ya no podían compensar el aumento de la privación de derechos y la explotación que estaba teniendo lugar en el campo nacional. En última instancia, esto condujo a la crisis de los movimientos sociales, a su división en movimientos de derecha y de emancipación, y redujo significativamente su margen de lucha por los derechos sociales. Ahora algunos de ellos incluso se han convertido en parteras de gobiernos de extrema derecha y ultraliberales como el de Argentina. De Meném a Macri siempre fue el mismo ciclo: políticas de austeridad neoliberales, obtención de préstamos que no se podían pagar, recortes sociales, pobreza creciente y malestar social. En el medio, gobiernos de izquierda con generosos programas sociales, que, sin embargo, no pudieron pagar debido al comportamiento de bloqueo de la oligarquía y el capital extranjero y a la presión de las instituciones financieras internacionales, impidieron una redistribución socialmente justa. Los intentos de Néstor Kirchner y de Alberto Fernández de oponerse a las exigencias del FMI tuvieron que ser abandonados por falta de alternativas de política monetaria. En el medio, los movimientos sociales y de protesta siempre actuaron como reguladores en ambas direcciones. Ahora vuelve a pasar lo mismo con Milei. Pero la repetida decepción con los gobiernos de izquierda y el horror repetido ante las esperanzas incumplidas de los gobiernos de derecha conducen, por un lado, a una resistencia que cuestiona el sistema y, por otro, a una forma de gobierno de extrema derecha y ultraneoliberal con represión tipo dictadura y como aliados de la política occidental siempre más agresiva para compensar su pérdida de poder global.

El artículo mostró la alternancia entre gobiernos neoliberales y de centro izquierda con sus diferentes enfoques políticos en Argentina, que repetidamente resultaron en emergencias y crisis sociales, cada vez desencadenando movimientos de protesta social contra los gobiernos de turno. Los movimientos fueron repetidamente el lugar de nacimiento de nuevos gobiernos que implementaron contrarrecetas: gobiernos neoliberales que promovieron su propia oligarquía y capital extranjero y llevaron a cabo recortes sociales, por un lado, y enfoques de centro izquierda que promovieron una redistribución social más amplia y al mismo tiempo por el contrario, una economía capitalista protegida de la tutela extranjera debería estarlo. La cuestión sistémica en el sentido del anticapitalismo no fue el foco de atención ni de los partidos de centro izquierda ni de los movimientos

de protesta social, aunque algunos movimientos sociales plantearon esta cuestión. Este fracaso general condujo a una crisis en el sistema político y a una crisis en los movimientos sociales, que finalmente resultó en el gobierno ultraneoliberal de extrema derecha de Javier Milei. Está en la línea de Trump, Meloni, Le Pen, Bolsonaro, Kast y Bukele. Esta forma de política se caracteriza por un parlamentarismo limitado, recortes sociales extremos y privatización de áreas sociales, represión política, politización y militarización de la política, una especie de política de castas, manipulación masiva, nihilismo ambiental y de género y racismo. En los países latinoamericanos también existe una estrecha cooperación con los estados occidentales, el capital transnacional y las instituciones financieras y económicas dominadas por Occidente, como el FMI y la OCDE. Incluso en conflictos y guerras internacionales, como en Ucrania y Gaza, estos países siempre apoyan al lado occidental. Estos gobiernos representan un paso atrás para la autonomía que alguna vez se obtuvo en la política global.

El hecho de que los movimientos sociales en Argentina contribuyeran regularmente al establecimiento y luego a la devaluación de gobiernos de izquierda y a la elección de gobiernos neoliberales refleja su anclaje situacional determinado de los grupos sociales y su sensibilidad a la manipulación política. La crisis política también incluye el hecho de que los movimientos sociales tienen una profunda desconfianza hacia los partidos políticos en general, lo que a menudo dificulta la cooperación con los partidos políticos de izquierda y por el contrario, perjudicar el acceso de los partidos políticos de izquierda a los movimientos sociales.

En los últimos años, diversas contradicciones políticas se han unido para formar una maraña que está dando origen a una nueva era. Este enredo consiste en las crecientes contradicciones de clase en el contexto de la globalización neoliberal, el conflicto Norte-Sur con una creciente autoconfianza internacional y la integración del Sur global (BRICS) y una reorganización del sistema global del unilateralismo al plurilateralismo con una dispersión de poder entre EE.UU., China y Rusia. Dentro de este nudo de contradicciones surgen nuevas formas políticas como los nuevos gobiernos de derecha como el de Milei, o nuevas formaciones de movimientos sociales como su división en derecha e izquierda, o la institucionalización de movimientos sociales emancipadores dentro de “espacios autónomos alternativos” con una nueva forma de sociedad con propiedad colectiva y una democracia de base como los Zapatistas en México, Movimento dos Sem Terra en Brasil, o los Piqueteros argentinos. Estos últimos dan la esperanza de que la gestión de múltiples crisis pueda oponerse a la creciente nueva forma de gobierno de extrema derecha con una alternativa en la que la justicia tanto en el sistema político alternativo como en la economía anticapitalista se unan y la libertad y la justicia converjan.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luis Fernando González-Beltrán- Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagens terapêuticas 58, 61, 62, 63, 65, 66
Adolescentes 10, 23, 31, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57
Afroparaguayos 93
Aging 156, 157, 158, 163, 174, 176, 191, 192
Amor romântico 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 74, 75
Antropofagia modernista 132
Apropriação de sentidos 117
Argentina 93, 105, 106, 137, 143, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 229, 233, 271
Aspecto social 234, 237
Asylum 279, 280, 281, 284, 285, 286, 287, 288
Autoestima 24, 26, 28, 31, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 180, 184

B

Batalla del Ebro 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116
Bem-estar 34, 38, 58, 60, 66, 185, 187, 189
Big data 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

C

Caos normativo y equilibrio presupuestal 214
Características políticas 259, 260, 261
Castas 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 196, 213
Chronic diseases 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154
Ciberseguridad 210, 247, 252
Compañía de Jesús 78, 81, 84, 87, 90, 92
Comprehensive assessment 156, 175
Consequências para a saúde 34
Contexto 1, 8, 41, 71, 72, 74, 76, 78, 87, 90, 94, 97, 110, 120, 124, 127, 132, 141, 142, 177, 179, 187, 189, 213, 219, 234, 236, 237, 239, 241, 244, 245, 246, 259, 266, 267, 277
Covid-19 144, 145, 146, 147, 153, 154, 155, 179, 187, 191, 193, 194, 204, 278
Crisis política 196, 202, 213
Cuidadores familiares 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

D

Daño emocional 26

Daño psicológico 26

Demência de Alzheimer 179, 180, 181, 183, 184, 186, 189, 190

Deporte 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246

Derechos humanos 201, 202, 204, 207, 217, 224, 247, 252, 259

Devociones 78, 84, 87, 90, 91

Dialogismo 117, 118, 130

Direito & Literatura 132

Ditadura militar 117, 118, 120, 122, 125

Dominación masculina 1, 4, 5, 6, 8, 9

E

Económicas 196, 204, 209, 213, 226, 227, 246, 259, 260, 261, 275, 277

Esclavonía 78, 81, 89, 90, 91, 92

Esclavos 81, 84, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107

Estruturas clínicas 58, 59

Estudios de performance 67

Evangelización 78, 81, 87, 92, 105

F

Forced migration 279, 288

G

Geriatric stay 156, 165

Globalización 79, 176, 177, 212, 213, 247, 248, 254, 259, 260

Guerra Civil Española 108, 115

H

Health 9, 24, 34, 39, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 167, 175, 176, 192, 193, 194, 285

História & Literatura 132, 140

Human rights 143, 248, 260, 279, 280, 281, 282, 285, 286

I

Índio 99, 100, 103, 104, 132, 134, 141

Infidelidad 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Infidelidad emocional 12, 15, 16, 19, 20, 21, 23
Infidelidad sexual 12, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24
Inteligencia artificial 247, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258
Inteligencia sexual 12, 13, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
Interacción 40, 42, 44, 50, 78, 110
Intervenção 35, 38, 66, 129, 180, 188, 189, 190

J

Jovens adultos 34, 35, 38
Justicia 93, 94, 97, 98, 99, 100, 106, 203, 213, 259, 269

L

Luto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194

M

Machismo 67, 69, 70, 74, 76, 77
Mediatización 108, 110, 115
Memoria histórica 108, 111, 115, 116
Modernização 132, 133, 134, 136, 141, 142
Movimientos sociales 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213
Música popular 77, 117, 118, 126, 129, 130, 131
Musicología popular 67, 68

N

Neurose 58, 59, 60, 61, 62, 66
Normas 14, 15, 16, 21, 22, 28, 35, 64, 77, 81, 94, 95, 98, 121, 211, 228, 234, 238, 242, 244, 248, 253, 254
Nuevo modelo de gobermentalidad 195, 196, 208

O

Older adults 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 173, 175

P

Parodia musical 67

Perversão 58, 59, 64, 65, 66
Política fiscal 247, 256, 275
Política pública 234, 236, 238, 246, 256, 258
Psicose 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66

R

Refugee 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288
Relacionamento abusivo 34, 36, 37, 38
Relaciones tóxicas 1, 5, 8
Relación parental 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54
Representaciones de género 67
Retablo 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92
Revolución tecnológica 260

S

Social determinants 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154

T

Teoría contractualista 214, 216, 217, 219, 229
Teoría estatutaria 214, 216, 222, 229, 230
Toma de decisiones 5, 6, 40, 46, 47, 50, 52, 54, 253

U

Unilateralismo estatal 214, 217

V

Violencia de género 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9
Violência no namoro 34, 35, 36, 38
Violencia psicológica 26, 28, 31